

O INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS (IPEAFRO) COMO CASA DE MEMÓRIA DECOLONIAL

Heverton Reis¹
Olívia Neta²

Resumo: O Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro) é uma associação independente sediada no Rio de Janeiro, que tem como foco o ensino, a pesquisa, a cultura e a salvaguarda de um acervo digital. Sua missão é valorizar a história, memória e culturas negras africanas e afro-brasileiras, disseminando saberes dos povos negros para promover o conhecimento sistêmico para além das amarras coloniais. Nesse sentido, o estudo apresentado objetiva analisar o Ipeafro como casa de memória decolonial. Por tal, busca-se responder a seguinte pergunta: como o acervo do Ipeafro, por meio das suas ações, contribui para preservação da memória afro-brasileira? O corpus da pesquisa abrange o material disponível no acervo entre textos, imagens e produção intelectual, destacando a trajetória e legado do Abdias Nascimento no processo de criação do Ipeafro. Como resultado, percebe-se que o Ipeafro busca descolonizar o pensamento e construir uma história que vislumbre as perspectivas e experiências dos negros. Além disso, promove ações de conscientização e formação sociorracial, objetivando combater o racismo e as desigualdades étnico-identitárias, ajudando, no que lhe concerne, para a construção de uma narrativa mais inclusiva sobre a história do negro no Brasil.

Palavras-chave: Acervo digital. Memória. Decolonialidade.

THE INSTITUTE FOR AFRO-BRAZILIAN RESEARCH AND STUDIES (IPEAFRO) AS A DECOLONIAL MEMORY HOUSE

Abstract: The Institute for Afro-Brazilian Research and Studies (Ipeafro) is an independent association based in Rio de Janeiro, which focuses on teaching, research, culture and the safe guarding of a digital collection. Its mission is to value black African and Afro-Brazilian history, memory and cultures, disseminating the knowledge of black peoples in order to promote systemic knowledge beyond colonial ties. In this sense, this study aims to analyze Ipeafro as a decolonial house of memory. It therefore seeks to answer the following question: how does Ipeafro's collection, through its actions, contribute to the preservation of Afro-Brazilian memory? The corpus of the research covers the material available in the collection, including texts, images and intellectual production, highlighting the trajectory and legacy of Abdias Nascimento in the process of creating Ipeafro. The results show that Ipeafro seeks to decolonize thinking and build a history that takes into account the perspectives and experiences of black people. In addition, it promotes awareness-raising and socio-racial training actions aimed at combating racism and ethnic-identity inequalities, helping to build a more inclusive narrative about the history of black people in Brazil.

Keywords: Digital collection. Memory. Decoloniality

¹ Doutorando em Educação (UFRN), na linha de pesquisa de Educação, Estudos Sociohistóricos e Filosóficos. Tendo como apoio financeiro a CNPQ, bolsa CAPES. Mestre em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA). Licenciado em História (UNEB). Bacharel em Artes (UFBA) E-mail: heverton.reis.022@ufrn.edu.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do IFRN e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN. E-mail: olivia.neta@ufrn.br

EL INSTITUTO DE INVESTIGACIONES Y ESTUDIOS AFROBRASILEÑOS (IPEAFRO) COMO CENTRO DE MEMORIA DECOLONIAL

Resumen: El Instituto de Investigaciones y Estudios Afrobrasileños (Ipeafro) es una asociación independiente con sede en Río de Janeiro, que centra sus actividades en la enseñanza, la investigación, la cultura y la salvaguarda de un fondo digital. Sumisión es valorizar la historia, la memoria y las culturas negras africanas y afrobrasileñas, difundiendo el conocimiento de los pueblos negros para promover un conocimiento sistémico más allá de los vínculos coloniales. En este sentido, este estudio pretende analizar el Ipeafro como una casa decolonial de la memoria. Por lo tanto, busca responder a la siguiente pregunta: ¿cómo contribuye el acervo de Ipeafro, a través de sus acciones, a la preservación de la memoria afrobrasileña? El corpus de la investigación abarca el material disponible en la colección, incluyendo textos, imágenes y producción intelectual, destacando la trayectoria y el legado de Abdias Nascimento en el proceso de creación de Ipeafro. Los resultados muestran que Ipeafro busca descolonizar el pensamiento y construir una historia que tenga en cuenta las perspectivas y experiencias de las personas negras. También promueve actividades de sensibilización y formación socio-racial, con el objetivo de combatir el racismo y las desigualdades étnico-identitarias, ayudando a construir una narrativa más inclusiva sobre la historia de los negros en Brasil.

Palabras clave: Colección digital. Memoria. Decolonialidad

INTRODUÇÃO: O INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS (IPEAFRO)

“Retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro” (NASCIMENTO Apud Itaú Cultura, online, 2016). O conceito de Sankofa é originário da cultura africana Akan (nos territórios de Gana e Costa do Marfim, na África Ocidental), e representa a ideia de que é necessário olhar para o passado para construir o futuro. Faz parte do conjunto de ideogramas chamado *adinkra*, o qual pode ser visto por meio da imagem de um pássaro de pés firmes no chão, que volta a cabeça para trás segurando um ovo com o bico. Sua simbologia quer dizer que o ovo representa o passado. Possibilitando a interpretação que o pássaro voa em direção ao futuro sem esquecer o passado. Isso nos faz refletir sobre a memória histórica e/ou social coletiva como importante ferramenta para a construção de uma sociedade menos desigual. Perspectiva com a qual o acervo, sobretudo digital, do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Ipeafro), vem contribuindo de forma direta nos últimos anos³.

O Ipeafro promove pesquisa e produção de conhecimento sobre as histórias e as

³ O conceito de Sankofa não se mantém por meio de uma relação apenas simbólica com o Ipeafro, isto é, como espaço que busca guardar memórias, voltando-se para sua ancestralidade e construindo futuros decoloniais, mas também por meio de suas ações concretas, como a publicação da coleção de Livros *Sankofa: matrizes Africanas da Cultura Brasileira* em 4 edições, organizada por Elisa Larkin Nascimento e lançada pela editora Selo Negro entre 2008 e 2009. E o projeto que visa reunir e apresentar os símbolos *adinkra*, que inclui o símbolo Sankofa.

culturas negras. Logo, notamos que princípios, como: a promoção da diversidade étnico-cultural; o respeito e valorização à história e à cultura dos povos negros; a égide aos direitos humanos e as lutas contra a discriminação social, fazem parte de suas ações e projetos. Sendo, portanto, uma importante referência para os estudos afro-brasileiros e a promoção de uma educação antirracista, ao tempo que vem contribuído positivamente para recontar histórias outras sobre os povos negros no país.

Como espaço físico inicia suas atividades ainda em 1981, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), pelas mãos do intelectual, ativista social, professor, artista e político Abdias Nascimento. Tendo como proposta fundar um setor de estudos e pesquisas e uma biblioteca, a partir do acervo do próprio criador, a respeito de questões negro referenciadas.

Desde a sua fundação vem promovendo congressos, como: 3º Congresso de Cultura Negra das Américas (1982); cursos de extensão, como: conscientização da Cultura Afro-brasileira (1982); pesquisas de campo e produção de revista, como: Afrodiáspora (1983-1987), bem como, promoção de fóruns e palestras, como: Sankofa – Conscientização da Cultura Afro-brasileira (1985-1995). E mais, promoveu o 1.º Fórum Estadual sobre o Ensino da História das Civilizações Africanas nas escolas públicas (1991), 10 anos antes da promulgação da Lei de nº 10. 639 de 2003, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira da Educação Básica. No âmbito internacional desenvolveu o projeto: Além do Racismo - Iniciativa Comparativa sobre Relações Humanas no Brasil, África do Sul, e Estados Unidos, antes da 3ª Conferência Mundial Contra o Racismo de Durban/África do Sul (2001).

O Ipeafro está locado no Rio de Janeiro, capital, desde o ano de 1984, onde, além de continuar a desenvolver projetos, cursos, oficinas e debates ligados a formação de professores e a discussão em torno de uma educação antirracista, e, da organização e publicação de livros, como a coleção Sankofa, sobre as culturas negras, e Andikra, sobre símbolos de sabedoria africanas, tem se dedicado à recuperação, divulgação e manutenção do acervo físico e digital por meio da biblioteca do Abdias Nascimento⁴, sendo composto de textos, imagens e audiovisual.

⁴ Quando mencionamos a ideia de biblioteca de Abdias Nascimento, estamos nos referindo tanto ao acervo produzido pelo Abdias, como: textos em livros, jornais, revistas, entrevistas, documentários, obras artísticas: pinturas, dramaturgia, assim como, a biblioteca construída ao longo de sua trajetória como intelectual, professor,

O Ipeafro, como casa de memória⁵, tem como missão: (1) colaborar com a população afrodescendente para o resgate de suas histórias. Preservando e ampliando os valores culturais de sua origem e respeitando sua identidade, integridade e dignidade racial e humana; (2) divulgar a importância dos africanos e afro-brasileiros na construção do Brasil e do mundo; (3) facilitar uma compreensão sistemática da realidade dinâmica e multidimensional da comunidade afro-brasileira, sua relação histórica e influência atual com os africanos e sua cultura, tanto no continente, quanto na diáspora africana, aplicando uma abordagem consistente com os valores endógenos africanos da própria comunidade brasileira.

O foco de ação passa pela promoção do ensino, produção e divulgação de pesquisas, valorização étnico-cultural e disponibilização de documentos diversos. Portanto, servindo de aliado direto para construção de uma contra narrativa colonial sobre a contribuição e importância do povo negro, africanos, afrodiáspórico e afro-brasileiro, ou seja, fomentando possibilidades decoloniais por meios de memórias afrografadas.

O artigo busca, então, responder a seguinte pergunta: como o acervo do Ipeafro, por meio das suas ações, contribui para preservação da memória afro-brasileira? A partir desta pergunta, objetivamos analisar o Ipeafro como casa de memória decolonial. O corpus da pesquisa abrange o material disponível no acervo entre textos, imagens e produção intelectual, destacando a trajetória e legado do Abdias Nascimento no processo de criação do Ipeafro.

A memória como artefato de resistência, existência e valorização cultural negra

A trajetória e legado do Abdias Nascimento nos mostra como a memória serve para recontar acontecimentos e demonstrar possibilidades outras. Como homem negro, aprendeu logo cedo a importância de ajudar outros negros, ao tempo que sentiu na pele que sua cor era uma questão para os outros. Como aluno, procurou ocupar os espaços e agarrar todas as oportunidades, destacando-se dos demais pela dedicação. Como ativista social, lutou contra o

artista e político. Ou seja, tanto a biblioteca a partir de suas produções, como resultado do acúmulo de diversos materiais intelectuais.

⁵ A perspectiva de casa de memória que utilizamos é de um espaço coletivo e social, físico e/ou não, que visa preservar história e memória de uma comunidade ou grupo social. Geralmente, essas casas são organizadas pela própria comunidade, que se encarrega de coletar e expor objetos, documentos, fotografias e outros materiais que contam a história do grupo ao longo do tempo. Além de preservar a memória, a casa de memória também pode servir como um espaço de encontro. É uma forma de valorizar e reconhecer a importância da história e da cultura de um grupo social, além de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Possibilidades vistas ao analisar o Ipeafro e por essa razão, definimos como casa de memória.

racismo e as desigualdades socioculturais do Brasil, fazendo parte de movimentos importantes para a história dos movimentos negros. Como professor, ensinou, produziu e divulgou saberes negros, ao tempo que problematizou o racismo à brasileira. Como artista, contribuiu de muitas formas, mas, sobretudo, por fundar uma poética da negritude, referência para todos os grupos e artistas de teatros negros.

Abdias Nascimento foi um ativista incansável em busca dos direitos básicos para a população negra do Brasil, e suas atividades envolveram diversos campos de atuação, como na área social, com a participação em movimentos negros, como a Frente Negra Brasileira – FNB em 1930, e a organização da *Convenção Nacional do Negro*, em 1945/1946, propondo à Assembleia Nacional Constituinte a inclusão de dispositivo constitucional que definisse a discriminação racial como crime contra a pátria, além de ser um dos fundadores do Movimento Negro Unificado (MNU) e da Academia Afro-Brasileira de Letras.

No âmbito cultural, fundou o Teatro Experimental do Negro, em 1944, com a encenação de diversas peças com atores negros falando sobre e para a população negra. Ou ainda, no cenário político, apoiando projetos que buscavam combater o racismo, como a Lei Afonso Arinos de 1951, sendo a primeira Lei a coibir o racismo no país. Além de ser um dos fundadores do Partido Democrático Trabalhista (PDT), tendo sido eleito deputado federal em 1982 e Senador da República em 1991-1992 e 1997-1999, tornando-se um dos primeiros negros a ocupar o cargo no país. Para mais, Abdias Nascimento foi um escritor ativo, tendo publicado diversos livros sobre a história e a cultura afro-brasileira.

Importante papel internacional também foi desempenhado por Abdias Nascimento, que foi um dos representantes do Brasil na Organização das Nações Unidas (ONU) e criou a Fundação Cultural Palmares em 1988, e o Museu de Arte Negra (MAN) em 1950. Seu legado inspirou e continua inspirando muitas pessoas a lutarem pela equidade racial e pelo reconhecimento da identidade negra no Brasil e no mundo.

Durante anos Abdias Nascimento atuou como presidente do Ipeafro, contribuindo para a realização de diversos projetos e iniciativas, e ao nos deixar em vida no ano de 2011, foi assumido por sua viúva, a professora e pesquisadora Elisa Larkin Nascimento. O instituto se tornou uma referência no estudo da história e da cultura afro-brasileira. Como acervo, se tornou espaço de pesquisa e fontes importantes, reconhecido nacional e internacionalmente,

embora pouco conhecido por professores que desejam pôr em ação a Lei de nº 10.639 de 2003 e pela comunidade não acadêmica.

Quando o Ipeafro divulga a biblioteca de Abdias Nascimento, por meio do acervo digital, contribui para o processo de valorização das memórias negras, visto que possibilita o conhecimento da narrativa de um homem negro que serve de referência para a cultura afro-brasileira. E mais, possibilita que tenhamos acesso a fatos ao longo dos séculos XX e XXI sobre sujeitos negros, suas contribuições para o saber, arte e política.

Nota-se, então, como a memória coletiva e/ou social, que é resultado do repositório de memórias individuais de um grupo/povo, auxilia para ações de resistência contra o apagamento colonial e da tentativa de negação de histórias e culturas negras. Ampara, também, para repensarmos possibilidades de existências para além do olhar eurocêntrico. Na perspectiva de dentro para fora, isto é, de como os sujeitos negros recontam suas histórias e como interpretam suas culturas, resultando assim, no processo de valorização dessas identidades.

Ser negro no Brasil não é uma tarefa fácil, visto que o racismo está enraizado em todos os setores da sociedade. Na dimensão cultural, observa-se que houve, ao longo da história, a tentativa de subalternização dos valores de referências negras. No campo da educação, por exemplo, percebe-se a valorização do ensino das narrativas europeias e da ideia de civilizações desenvolvidas e superiores brancas, em detrimento do ensino sobre outras sociedades não brancas. Essa dicotomia no ensino permanece atualmente, mesmo após a obrigatoriedade do ensino de histórias e culturas negras e indígenas. Logo, percebemos o quanto é importante os espaços, como o Ipeafro, que buscam apontar narrativas contra coloniais e de empoderamento negro. Agindo em todas as etapas do ensino, desde as movimentações para que as Leis sejam promulgadas, passando pela capacitação de profissionais da educação, até o fornecimento de materiais para serem ensinados nas escolas, como a Linha do Tempo dos Povos Africanos, desenvolvido pela Professora Elisa Larkin Nascimento, que busca mostrar a diversidade cultural africana e suas contribuições para a humanidade ao longo dos tempos. Um suplemento didático rico e detalhado, distribuído e disponível gratuitamente, para podermos recontar a existência de sociedades negras. Essa ação fomenta diretamente a luta contra o racismo, promovendo, assim, uma educação antirracista.

A historiografia colonialista tradicional que pensa, faz e ensina sobre africanos, aos africanos e afro-brasileiros é uma história falsificada e incompleta que reduz a verdadeira face da contribuição dos povos africanos para a humanidade a um contorno de conquista capitalista. Essa dimensão é mantida de forma falsificada, desencadeando o roubo da história dos povos africanos e da diáspora.

A negação, por parte do branco, da cultura africana, é responsável pelos conceitos pejorativos referentes à raça e à cor do homem nascendo na África, e pelas apreciações que, durante séculos, procuraram negar seus autênticos valores espirituais, artísticos, religiosos e políticos. (NASCIMENTO, 1961, p. 12).

E, embora não seja necessário o apontamento para provar nada, pois “Passou já o tempo para provar a maturidade cultural dos povos africanos. A irracionalidade das «teorias» racistas de um Gobineau ou de um Lévy-Bruhl não interessam nem para convencer senão os racistas” (CABRAL, 1978, p. 229). Porém, isto ainda é necessário para que mais pessoas saibam e pensem sobre as culturas africanas, ao tempo que a população afro-brasileira reconheça histórias ancestrais e possa se sentir pertencente a uma narrativa cultural. Nesse ponto, a memória faz o trabalho de guardar e transmitir saberes para a manutenção de valores, ao tempo que quebra padrões preestabelecidos de apagamento.

O conceito de memória tomado aqui se complementa por duas vertentes. A primeira da memória coletiva e/ou histórica, e a segunda, sobre afrografias da memória. Essa última, nos ajuda a dialogar diretamente com a perspectiva de decolonialidade do saber que visa repensar narrativas hegemônicas de exclusão e apagamento dos povos negros.

A história do tempo presente, como campo do ofício historiográfico, e, portanto, outro olhar sobre a disciplina histórica, é o espaço que pensa as questões do passado no presente. Desta maneira, procura englobar em seus estudos, fruição a partir do presente, permanências e possíveis rupturas no tempo histórico, que reverberam em nossa sociedade.

Ao definir o que é a história do tempo presente, o historiador Henry Rousso, afirma que essa história se insere no universo no qual “o historiador investiga um tempo que é o seu próprio tempo com testemunhas vivas e com uma memória que pode ser a sua” (2009, p. 202), ou seja, que, ao mesmo tempo, em que investigamos o passado, estamos refletindo o presente.

A memória, por sua vez, pode ser lida como um fenômeno social de relevância, posta

de forma individual e/ou coletiva. Estando essa memória ligada, a lembrança que “é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem manifestou-se já bem alterada”. (HALBWACHS, 2013, p. 75-76). Ou em outras palavras, e em diálogo com Le Goff (1990), o tempo da memória é o presente, mas ela necessita do passado, portanto, “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi. Salvando-o da perda total”. (CHAUÍ, 2000, p. 125).

Nesse entendimento, a memória produz muitos significados sobre os acontecimentos históricos, seja no social ou no individual; passando também, pela dimensão política, cultural, linguística e reverbera na produção e/ou na manutenção das identidades. Ao tempo em que fabrica símbolos, signos e sentidos para o grupo social.

A representação, aqui, vai para além da ideia de copiar ou imitar e reproduzir a realidade. É um caminho de construção de valores, significados e sentidos que engloba aspectos socioculturais. Nesse pensar, a representação não está cristalizada por meio, apenas, de discursos e imagens sobre a realidade, mas também pela modelagem simbólica que fomenta a realidade como bem debate o Chartier (1991). E por isso, que a representação é locus de poder. Que pode ser fixado tanto para manutenção de pensamentos e valores hegemônico e cristalizados, como, similarmente, pode quebrar paradigmas sobre histórias, narrativas e existências. Como o caso da importância de recontar a história dos povos negros e pensar uma educação antirracista para que, sobretudo, os negros se reconheçam na construção do país e das suas ancestralidades.

Quanto a memória afrografada, conceito desenvolvido por Leda Maria Martins (1997), professora e pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais, trata-se de uma abordagem metodológica que visa resgatar à memória e à história dos povos africanos e afrodescendentes, a partir de uma perspectiva que valoriza suas experiências e narrativas.

A afrografia da memória propõe uma reflexão crítica sobre as formas como a história oficial brasileira é contada e ensinada. Buscando ampliar a compreensão sobre a contribuição dos povos africanos e afro-brasileiros para a formação do país. Essa abordagem metodológica valoriza à memória coletiva e às narrativas populares, ao tempo que busca resgatar a dignidade e a identidade dos povos negros.

Sendo assim, passa pelo entendimento subjetivo da memória da pessoa negra. Uma memória passado-presente de escravidão, dos seus antepassados, e do racismo que marca diariamente seus corpos. Mas não somente, a afrografia, pode ser compreendida pelo sentido de grafar no corpo, por meio das memórias, suas ancestralidades e culturas. E mais, é a grafia, escrita ou não, dos corpos negros. Isto é:

[...] como littera, 'letra', grafa o sujeito no território narratário e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda, no neologismo, seu valor de litora, 'rasura' da linguagem, alteração significativa, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas. (MARTINS, 1997, p. 25).

Portanto, afrografar é o mesmo que gravar africanamente, por meio da cosmopercepção de mundo dos povos africanos, construtores diretos do processo identitário no Brasil. Essa possibilidade, orienta filosoficamente, poeticamente, espiritualmente, deste modo, culturalmente os afro-brasileiros.

Quando o Ipeafro busca valorizar as memórias negras, por meio da manutenção de histórias antes não contadas sobre os negros e de ações que demonstram as contribuições negras para a humanidade e para a Brasil, fomenta uma narrativa decolonial da qual reconta, reanalisa e reedita as memórias desses sujeitos do passado e do presente. Memórias de luta, mas também, de valores e empoderamento.

Quanto a Teoria Decolonial⁶, devemos pensar como uma abordagem emergente que busca desafiar os fundamentos da modernidade e da colonização, investigando como a desigualdade e a opressão são perpetuadas, ou em outras palavras:

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do dito padrão de poder e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e da escala social. Origina-se e mundializa-se a partir da América (Quijano, 2000, p. 342).

⁶ É relevante observar que, de acordo com Silvia Rivera Cusicanqui, não seria apropriado falar em termos de pensamento decolonial ou pós-colonial, pois a socióloga considera o pensamento decolonial uma tendência passageira e o pós-colonial como um anseio. Cusicanqui expressa, então, uma preferência pelo termo "anticolonial". Embora a crítica da pensadora seja pertinente, e entendendo que o objetivo central deste estudo não é a discussão conceitual, leva-se em consideração o termo decolonial tendo em vista o sujeito de pesquisa, ou seja, termo em diálogo com o Ipeafro e seus escritos.

Nesse pensar, a decolonialidade do saber, como nos aponta Mignolo (2020), age justamente buscando libertar os sujeitos do pensamento colonial, racista e eurocêntrico. Como corrente teórica, busca questionar as formas hegemônicas de produção e disseminação de conhecimento, que historicamente têm sido dominadas pelos países do Norte Global, norteadores, em detrimento dos países do Sul Global, suleadores. Essa escola de pensamento argumenta que as formas eurocêntricas de conhecimento e produção de saberes são insuficientes para dar conta da diversidade de conhecimento e experiência humana existente no mundo, e que esse conhecimento precisa ser descentralizado e descolonizado.

Assim, a decolonialidade do saber propõe uma reflexão crítica sobre as formas como o conhecimento é produzido, disseminado e consumido, buscando valorizar os saberes e as experiências dos povos que foram colonizados. É dessa maneira que o acervo do Ipeafro contribui diretamente, pois, fornece ensino, pesquisas e documentos que possibilitam conhecer e ensinar outras histórias dos negros.

Ações do Ipeafro para preservação digital das memórias negras

Entende-se como acervo digital o conjunto de documentos, imagens, áudios e outros materiais que são digitalizados e disponibilizados online para acesso ao público. O objetivo é preservar e difundir o patrimônio cultural e histórico, permitindo que pessoas de diferentes partes do mundo possam acessar e estudar a partir dessas fontes.

O Ipeafro possui um acervo digital que reúne documentos diversos em textos, fotografias, vídeos, áudios e obras artísticas, dramáticas e de pintura. Fontes de pesquisa relacionados à cultura e história afro-brasileira a partir, sobretudo, da biblioteca do Abdias Nascimento. O acervo é organizado em diferentes categorias, como as seções: o Teatro Experimental do Negro – TEN; Museu de Arte Negra – MAN; atuação Política, Biografia e Produção Intelectual do Abdias Nascimento. O acesso é gratuito e pode ser feito por qualquer pessoa, no site: <https://ipeafro.org.br/>

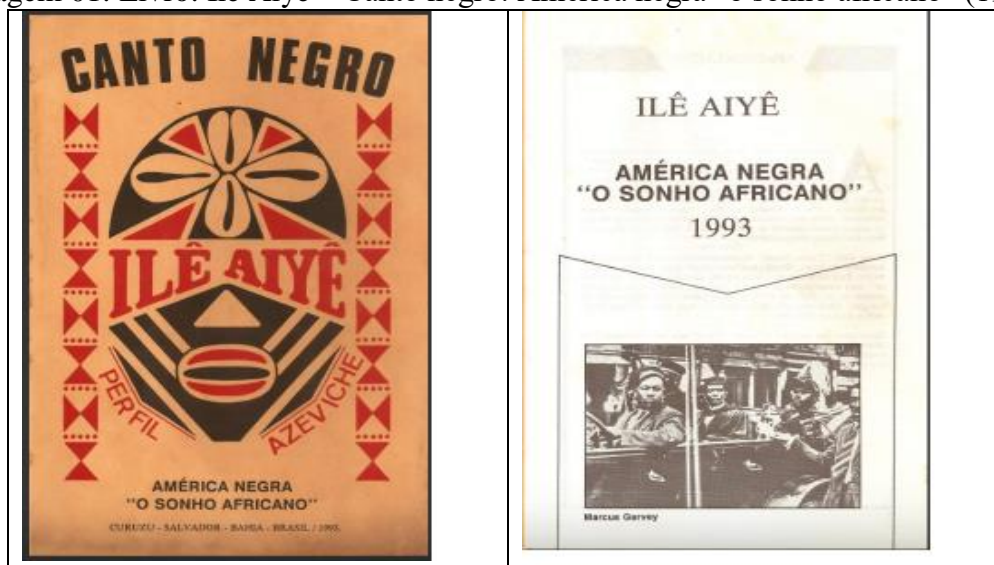
O acervo digital do Ipeafro funciona como uma ferramenta importante para a preservação da memória e difusão da cultura afro-brasileira. Proporcionando, portanto, o acesso a fontes que muitas vezes não estariam acessíveis com facilidade e agilidade,

certamente para a construção de uma nova história do negro no campo do saber⁷. Além disso, o acervo digital do Ipeafro oferece recursos para pesquisadores, estudantes e interessados em geral, que desejam aprofundar seus conhecimentos sobre cultura e história afro-brasileira.

Entre as principais ações e projetos que demonstram o Ipeafro como casa de memória, incluem:

1. Digitalização de documentos e obras raras relacionadas à história e à cultura afro-brasileira, garantindo o acesso a fontes que muitas vezes não estão disponíveis em outros formatos, como documentos referentes ao movimento negro brasileiro. Exemplo: Livro de canções do Ilê Aiyê referentes aos anos de 1989 a 1993.

Imagem 01: Livro: Ilê Aiyê – Canto negro: América negra “o sonho africano” (1993).



Fonte: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/movimento-negro/>

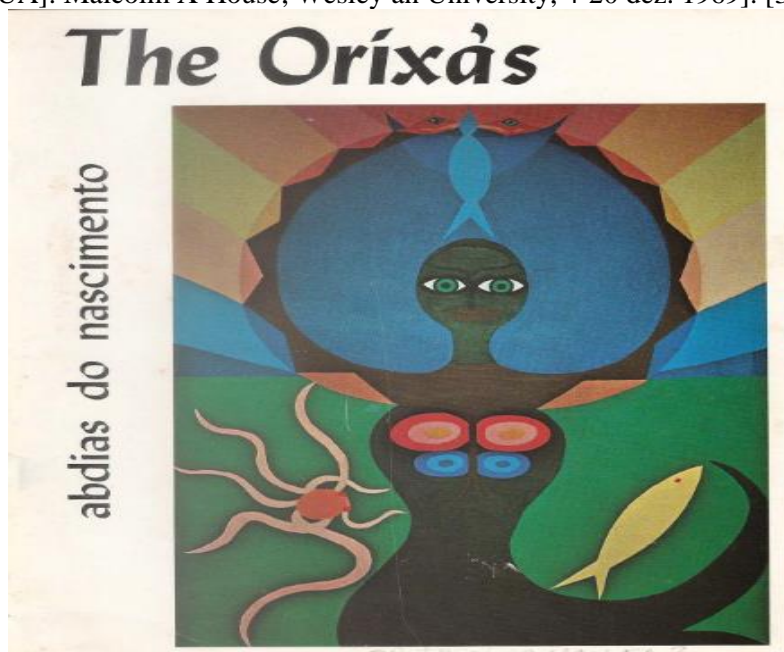
O livro, composto por letras das canções do Bloco afro Ilê Aiyê, do período de 1989 a 1993, aborda temas de acontecimentos e figuras importantes, como: República de Palmares,

⁷ A discussão sobre fontes digitais, suas facilidades e dificuldades, bem como problematizar os acervos digitais no novo fazer historiográfico e científico, não é o foco deste estudo, objetivando-se apenas a demonstrar o acervo digital do Ipeafro como possibilidade para professores, estudantes e pesquisadores que estão interessados em compartilhar saberes. Todavia, sendo a discussão muito importante, vale ao nível de melhores entendimentos, a leitura do artigo: MEDEIROS-NETA, O. M. de. (2023). Travessia epistêmica: o digital e transformações no ofício do historiador (da educação). Revista Educação Em Páginas, 2, e12130. <https://doi.org/10.22481/redupa.v2.12130>

Revolta dos Búzios. Para além, o livro traz uma homenagem ao Apolônio de Jesus (Popó) que fundou o Bloco musical baiano, e aborda a história do grupo artístico. Ao longo do livro é possível encontrar imagens e fotografias de figuras importantes para os movimentos negros, como Mãe Hilda Jitolu, Vovô do Ilê, Angela Davis, Martin Luther King, Malcolm X. O objetivo para com a obra é “que este novo "Canto Negro" seja um instrumento de educação e preservação da nossa memória musical. Você associado e amigo simpatizante do Ilê Aiyê está convidado a propagar os nossos ideais de fé e liberdade por um mundo melhor” (SANTOS, 1993, p. 02)

1. Criação de exposições virtuais que podem ser acessadas por qualquer pessoa. Essas exposições abordam diferentes temas relacionados ao povo negro, contribuindo para a difusão desse conhecimento, como: Ocupação Abdias Nascimento, em parceria com o Itaú Cultura, disponível digitalmente em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/>, ou ainda, o projeto de exposição de pinturas de Abdias que foi transformado em livro com todas as obras fotografadas.

Imagem 02: Capa do Livro: *The Orixás: Afro-Brazilian paintings and text* by Abdias Nascimento. [EUA]: Malcolm X House; Wesleyan University, 4-20 dez. 1969]. [36] p



Fonte: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/man-exposicoes-de-abdias/malcolm-x-house/>

O Livro também tem sua versão em português, intitulada *Os orixás do Abdias*, de mesma forma, com organização de Elisa Larkin Nascimento e publicado pelo Ipeafro e a Fundação Palmares em 2006. O livro apresenta os quadros produzidos por Abdias quando esteve em exílio, bem como poesias, ambos relacionados à sacralidade afro-brasileira. A obra conta ainda com textos de Elisa Larkin Nascimento, Fotografia das obras de Lula Rodrigues e projeto gráfico de Luiz Carlos Gá.

O desejo para com a obra, novamente, passa pela perspectiva de valorização das culturas negras, a produção artística do Abdias, ao tempo que trata sobre a religiosidade negra, visando falar sobre identidades negras. A obra, nas palavras de Elisa Larkin, “transmitem os princípios da harmonia cósmica e da unicidade vital, caros ao universo religioso afro-brasileiro e à reflexão artística e espiritual humana. São valores tão intimamente brasileiros quanto perenes e universais.” (2006, p. 01).

1. Promoção de debates e eventos sobre temas relacionados à cultura e à história afro-brasileira, permitindo a participação de pessoas de diferentes partes do país e do mundo, como: o Fórum Social Mundial (FSM), sediado em Salvador/BA, entre 13 e 17 de março de 2018, em parceria com a Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funcub/SecultBA), a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), que tratou sobre o genocídio da população negra e o legado de Abdias Nascimento.

Imagem 03: Cartaz de divulgação do Fórum Social Mundial de 2018.



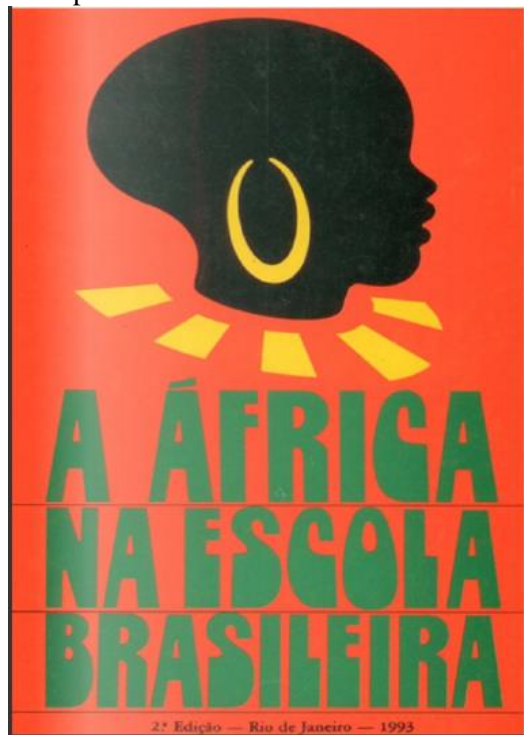
Fonte: <https://ipeafro.org.br/acoes/ipeafro-no-forum-social-mundial-2018/>

O fórum foi, para os idealizadores, “um evento que envolveu movimentos sociais de várias partes do mundo, um espaço que teve seminários, plenárias, oficinas, atividades culturais e conferências, além de marchas e atos por toda cidade” (IPEAFRO, online, 2023). O FSM de 2018, contou com a participação e apoio de diversas entidades ligadas aos movimentos negros, como: o *Coletivo Boca Quente*, *Coletivo Luíza Bairros* (UFBA), *Odara Instituto da Mulher Negra*, *Fórum Negro de Artes Cênicas*, *Acosta Produções Artísticas e Vida Brasil*, entre outros. Como eixo temático central, ‘Vidas Negras Importam’, o evento contou com atividades entre as áreas das artes e ativismo social.

O fórum contou, ainda, com a entrega do troféu *IPEAFRO Sankofa*, além da exibição da estreia do documentário *Abdias Nascimento - Memória Negra*. O Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros, “se dedica à continuidade da ação pioneira de seu fundador, o professor Abdias Nascimento, contribuindo para a defesa dos direitos dos afrodescendentes, a preservação, divulgação da memória, cultura, história e ativismo negros” (IPEAFRO, online, 2023)

1. Disponibilização de materiais didáticos para professores e estudantes, que podem ser utilizados para promover uma educação antirracista, como: o suplemento didático *A Linha do Tempo dos Povos Africanos*, de concepção e texto de Elisa Larkin Nascimento e com o apoio do Ministério da Educação – MEC, 2007, ou, ainda, a reunião em texto do 1.º Fórum *A África na Escola Brasileira*, 2º edição de 1993, com a organização de Elisa Larkin Nascimento e apoio da Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Negras do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Imagem 04: Capa do Livro: A África na Escola Brasileira, 1993.

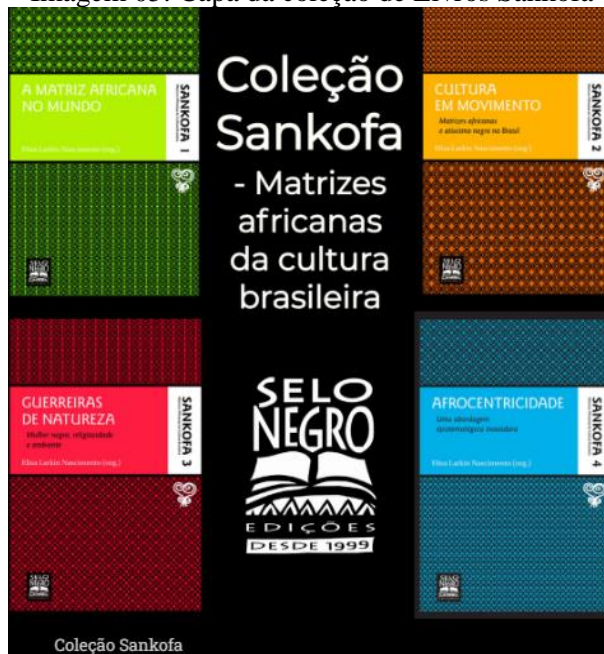


Fonte: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/publicacoes-do-ipeafro/a-africa-na-escola-brasileira/>

O livro aborda temas, produz discussões e gera sugestões para educadores sobre o ensino de História das Civilizações Africanas nas escolas brasileiras. De forma semelhante à *Linha do Tempo dos Povos Africanos*, possibilita que educadores e interessados em entender mais sobre as populações africanas, tenham acesso a histórias, acontecimentos históricos e contribuições negras para o mundo. Com a utilização de imagens que ilustram e facilitam o entendimento e o ensino.

1. Publicação de livros e coleções, como: a iniciativa da coleção de livros *Sankofa*, cujo objetivo é resgatar e valorizar a história e a cultura afro-brasileira por meio de obras literárias. A coleção é composta por diversos títulos que abordam temas variados, como: religiosidade afro-brasileira, literatura de cordel, história do quilombo dos Palmares, entre outros.

Imagem 05: Capa da coleção de Livros Sankofa



Fonte: <https://www.gruposummus.com.br/colecao/sankofa-matrizes-africanas-da-cultura-brasileira/>

A produção da coleção *Sankofa* é uma forma de ampliar o acesso da população à literatura afro-brasileira e difundir conhecimentos sobre a história e a cultura do povo negro do Brasil. Além disso, a coleção busca estimular a reflexão crítica sobre as desigualdades raciais e a importância da valorização da diversidade étnico-cultural. Todavia, esse último material, embora esteja colocado como link no acervo, é uma publicação para compra, seja do livro impresso ou digital. Ainda assim, merece ser apontado como material produzido pelo Ipeafro que contribuiu para a construção do conhecimento negro-referenciado.

Essas ações e projetos demonstram como o acervo digital do Ipeafro funciona de maneira a potencializar e instrumentalizar a preservação da memória e, também, combater o racismo e as desigualdades. Contribuindo para uma sociedade mais justa e equânime, sobretudo no campo da educação antirracista.

De maneira específica, o Ipeafro atua na construção, manutenção e ressignificação da memória, na qual lemos como um conjunto de representações coletivas que se formam a partir de uma experiência compartilhada, sendo transmitidas de geração em geração. Nesse sentido, a memória é uma forma de preservar a história e a identidade de um povo. Contribuindo para a construção de uma narrativa mais inclusiva e representativa sobre o passado.

Considerações finais

Pelo objetivo de analisar o Ipeafro como casa de memória decolonial conclui-se que o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Ipeafro) situa-se como projeto de ação e de reformulação da memória sobre a história do negro, atuando como casa de memória e no empoderamento negro a partir da lógica decolonial das ideias/saber.

A trajetória do intelectual e ativista das causas raciais negras, Abdias Nascimento, se confunde com a história da luta contra o racismo no Brasil. Sua atuação foi, e é, pois, mesmo tendo nos deixado em vida, seu legado permanecerá, fundamental para a construção de memórias que valorizam as culturas afro-brasileiras e reconhecem a importância da luta contra a discriminação racial.

Ao longo de sua trajetória, Abdias Nascimento deixou uma importante herança à população negra do Brasil e do Mundo. Incentivando a reflexão sobre questões raciais e promovendo a luta contra a discriminação, ao tempo que construiu e difundiu o saber, as artes e o patrimônio cultural ancestral. Seu exemplo continua inspirando muitas pessoas a lutarem por um país mais justo e equânime; estando sua biblioteca disponível no acervo do Ipeafro, boa parte digitalizada e disponível para qualquer pessoa que tenha acesso à internet a baixar conteúdo para estudo, pesquisa e/ou para ensinar.

Ao ler o Ipeafro em diálogo com o conceito de Sankofa, podemos perceber que a preservação da memória, a luta contra o racismo e a produção e difusão dos saberes e experiências negro referenciados, são elementos fundamentais para a construção de uma sociedade que respeita a diversidade étnico-cultural.

O acervo digital do Ipeafro, ao disponibilizar documentos, imagens, artigos e outros materiais que destacam a história e a cultura afro-brasileira, contribui para uma reflexão crítica sobre o passado, ao tempo que recoloca na trincheira sociocultural outras possibilidades dos povos negros, assim como, ajuda na construção de uma narrativa de empoderamento e resistência para as populações futuras. Logo, o Ipeafro, em diálogo com o conceito de Sankofa, nos convida a olhar para o passado, reconstruindo o presente, na busca de um futuro esperançoso para todos.

Referências

CABRAL, A. A Cultura Nacional. In: ANDRADE, M. de (Org.) **Obras escolhidas de Amílcar Cabral. A arma da teoria-unidade e luta I.** Lisboa: Seara Nova, 2.ed. 1978.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, 5(11), 173-191. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 2000

Fórum Social Mundial 2018. In: FÓRUM SOCIAL MUNDIAL de 2018, Salvador/BA (Anais). Disponível em: <https://wsf2018.org/wp-content/uploads/2020/10/Relat%C3%B3rio-FSM-2018> acessado em: 04/03/2023

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

ITAÚ CULTURAL, IPEAFRO, ELISA LARKIN NASCIMENTO E VINICIUS SIMÕES. Ocupação Abdias Nascimento. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento> . Acesso em: 9 mar. 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução, Bernardo Leitão. [et al.] -- Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1990.

MARCEDO, Fábio e AREND, Silva. Sobre a História do Tempo Presente: **Entrevista com o historiador Henry Rousso.** Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 201 – 216, jan. / jun. 2009.

MARTINS, Leda. **Afrografias da memória: o reinado do Rosário do Jatobá.** 1.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

Mignolo, Walter D. **Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar** / Walter D. Mignolo; tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. rev. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **Dramas para negros e prólogo para brancos.** Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961.

NASCIMENTO, Abdias. **Orixás: os Deuses Vivos da África/ Orishas: the Living GodsofAfrica in Brazil.** Rio de Janeiro/ Philadelphia: Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros/TempleUniversity Press, 1969. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/man-exposicoes-de-abdias/malcolm-x-house/> acessado em: 10/03/2023

NASCIMENTO, Abdias. **Os Orixás – Os Deuses Vivos da África.** Pinturas e poesia de Abdias Nascimento/ Organizadora, Elisa Larkin Nascimento. Brasília: IPEAFRO e Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/orixas-deuses-vivos-da-africa/> acessado em: 11/03/2023

NASCIMENTO, E. L. **Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Ipeafro).**

Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/>. Acesso em: 1 mar. 2023.

NASCIMENTO, Elisa. **L A África na Escola Brasileira.** 2.º ed. Ipeafro. Rio de Janeiro, 1993. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/publicacoes-do-ipeafro/a-africa-na-escola-brasileira/> acessado em: 05/03/2023

NASCIMENTO, Elisa. L. Coleção Sankofa - **Matrizes Africanas na Cultura Brasileira.** Elisa Larkin Nascimento (org.). Editora Selo Negro, 2008

NASCIMENTO, Elisa. L. Fórum Social Mundial. (2018) **Fórum Social Mundial – Resistir é Criar. Resistir é transformar.** Salvador. BA, 2018. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acoes/ipeafro-no-forum-social-mundial-2018/> acessado em: 04/03/2023

SANTOS, Antônio. C. (Vovó do Ilê). NASCIMENTO, Elisa. L. Ilê Aiyê – Canto negro: América negra “**o sonho africano**” Livro de canções do Ilê Aiyê referentes aos anos de 1989 a 1993. IPEAFRO, 1993. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/movimento-negro/> acesso em: 03/03/2023

Submissão em: 23/07/2023

Aceito em: 05/12/2023

Citações e referências
conforme normas da:

